

**TRABALHO E PERSPECTIVAS NA PERCEPÇÃO DOS CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS**
*TRABAJO Y PERSPECTIVAS EN LA PERCEPCIÓN DE LOS RECOLECTORES
DE MATERIALES RECICLABLES*
*WORK AND PERSPECTIVES ACCORDING TO THE PERCEPTION OF
RECYCLED GARBAGE PICKERS*

Karla Maria Damiano Teixeira
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, Brasil

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar a percepção dos catadores de materiais recicláveis da Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa/MG (ACAMARE) acerca das suas condições de trabalho, bem como suas perspectivas de vida. A amostra foi constituída por 22 catadores. Foi realizada uma combinação de dados quantitativos e qualitativos no processo de obtenção dos dados. A análise dos dados quantitativos foi feita por estatística univariada, enquanto os dados qualitativos, por meio da análise descritiva das falas. Os catadores consideraram o trabalho bom e divertido, mas não percebiam o reconhecimento e valorização do mesmo pela sociedade. Muitos relataram trabalhar com o lixo por não terem tido outra opção de trabalho, sendo a renda importante para proporcionar melhoria nos aspectos de infraestrutura da habitação, bem como melhores condições de vida aos filhos.

Palavras-chave: catadores de materiais recicláveis; exclusão social; relações de trabalho.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar la percepción de los recolectores de la Asociación de Trabajadores de la Planta de Selección y Reciclaje de Viçosa/MG (ACAMARE) sobre sus condiciones de trabajo, así como su perspectiva de la vida. La muestra está formada por 22 colectores. Se realizó una combinación de datos cuantitativos y cualitativos en el proceso de recolección de datos. El análisis de los datos cuantitativos fue hecho por estadísticas univariadas, mientras que los datos cualitativos mediante el análisis descriptivo de los discursos. Los recolectores consideran el trabajo como bueno y divertido, pero no notaban el reconocimiento y la valoración del mismo por parte de la sociedad. Muchos informaron trabajar con la basura por falta de otras opciones de trabajo, siendo esa renta importante para promover mejoras en la infraestructura de sus viviendas, así como mejores condiciones de vida para sus hijos.

Palabras clave: recolectores; exclusión social; relaciones laborales.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the perception of recycled garbage picker from the Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa/MG (ACAMARE) regarding their labor conditions, as well as their life perspectives. The sample was composed by 22 catadores. The data collection implied in a combination of quantitative and qualitative approaches. The quantitative data were analyzed through univariate statistics, while the qualitative, through content analysis. The garbage pickers had a satisfactory perception about their work, but did not perceive its recognition and valorization by the society. Many related that they work with garbage because they did not have other option. As so, the income was important to give them the possibility to improve their house conditions, as well as to give better life conditions to their children.

Keywords: recycled garbage picker; social exclusion; work relations.

Introdução

Neste artigo buscou-se compreender a percepção dos membros da Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa/MG (ACAMARE) acerca de suas condições de trabalho, bem como de suas percepções e expectativas a respeito de seu futuro. Desta forma, considerou-se imprescindível que questões como desigualdade social e desemprego sejam trazidas para a reflexão, já que perpassam o ambiente do referido público, como também as condições de trabalho no Brasil.

Segundo Minayo (2001), a exclusão social refere-se a um processo múltiplo de segregação de grupos e sujeitos, que acontece devido às relações econômicas, sociais, culturais e políticas. Como consequência, ocorre a discriminação e não acessibilidade ao mundo oficial do trabalho e do consumo (Minayo, 2001).

A culpa pela não acessibilidade ao mercado de trabalho recai, na maioria das vezes, sobre o trabalhador, sendo que a falta de oportunidades é, muitas vezes, em função da ausência de investimentos do governo em educação e capacitação profissional. O desemprego ou subemprego causam, então, a exclusão social, uma vez que o emprego, principalmente nas sociedades ocidentais, é importante para garantir a integração social do sujeito, formar sua identidade pessoal e avaliar sua renda (Dupas, 2001).

Para Leite (2003, p. 113):

Um grave processo de precarização das condições de vida e de trabalho, bem como de exclusão social, acompanha a reestruturação produtiva desencadeada a partir dos anos 1980, mas, sobretudo, a partir das políticas macroeconômicas colocadas em prática com a abertura do mercado nos anos 1990. Marcado por profundas desigualdades de gênero, raça e idade, esse processo afeta desigualmente homens e mulheres, brancos e negros, jovens e adultos, punindo especialmente os setores mais discriminados.

O desemprego é um acontecimento social que acontece em todos os países, em especial nos subdesenvolvidos, devido à crescente mecanização e informatização dos processos de trabalho, extinguindo cargos que antes eram desempenhados por pessoas sem instrução/qualificação. A exigência de conhecimento e formação/capacitação profissional, aliados às altas taxas de analfabetismo, excluem muitos trabalhadores do mercado (Sousa & Silva, 2007).

Conforme R. S. Gonçalves (2004), uma 'alternativa' para a problemática do desemprego é o aproveitamento dos resíduos sólidos urbanos, mais conhecidos como lixo, organizando, por meio da

destinação sustentável e apropriada dos resíduos sólidos, a inclusão social dos catadores e a geração de renda capaz de integrar aspectos ambientais, sociais e econômicos.

No ano de 2000, iniciou-se o processo de fechamento do lixão em Viçosa, Minas Gerais, onde trabalhavam 18 famílias, algumas das quais moravam no próprio local. Tal processo não ponderou projetos que organizassem e aspirassem essa mão-de-obra. Sendo assim, estabeleceu-se uma parceria entre a Universidade Federal de Viçosa (que, por um período de dez anos, cedeu o espaço para a fundação da usina de lixo), a Prefeitura Municipal de Viçosa (responsável pela manutenção da usina de lixo) e os catadores-trabalhadores (responsáveis pela coleta do lixo e administração de seu trabalho) para constituir uma associação que recebesse estes e os outros catadores da cidade, e em grupo pudessem realizar um trabalho mais eficiente, gerando o aumento da renda aos trabalhadores através da separação e venda do lixo de acordo com categorias, como, por exemplo: plásticos, vidro, papel, alumínio, dentre outros, aumentando, conseqüentemente, a vida útil do aterro da cidade.

A unidade empírica de análise se constitui na Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa – ACAMARE, que está localizada no município de Viçosa, Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, mais precisamente na comunidade da Viçeira na BR-120, Km 284.

Em 2004, com a fundação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP/UFV), deu-se início a um trabalho de acompanhamento e auxílio técnico com tais catadores, fato que culminou na formalização do grupo como associação no começo do ano de 2008.

Surge neste período uma nova organização do trabalho, com a fundação da Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa (ACAMARE), sendo formada por dois grupos, cada qual com seus regimentos internos próprios, mesmo possuindo um único Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ (Figueiredo et al., 2010).

O horário de trabalho da ACAMARE é das 07:00 h às 17:00 h, de segunda a sexta-feira, e das 07:00 h às 12:00 h, aos sábados. Existem dois turnos de trabalho, um deles iniciando às 07:00 h e finalizando às 12:00 h e o outro, das 12:00 h às 17:00 h. Deste modo, os dois grupos de trabalho se dividem entre estes dois turnos. Além disso, foi estabelecido entre os associados um revezamento mensal dos turnos, ou seja, se um dos grupos trabalha no turno da manhã no mês 1, este

mesmo grupo trabalhará no turno da tarde no mês 2, sendo que aos sábados também há o revezamento, em que em cada sábado um dos grupos trabalha.

Neste contexto, o presente artigo objetiva analisar a percepção dos catadores de materiais recicláveis da ACAMARE acerca das suas condições de trabalho, assim como suas perspectivas de vida.

Formas alternativas de trabalho: o caso dos catadores de materiais recicláveis

As desigualdades sociais vêm crescendo a cada dia no Brasil. Os problemas sociais mais graves do país estão relacionados principalmente com a questão da renda, sendo em termos de carência (trabalho precário e desemprego), ou distribuição não equitativa. Ademais, a existência de “bolsões” ou redutos de pobreza resistentes à emancipação por meio das políticas universais clássicas torna necessário adotar políticas capazes de corrigir as desigualdades, focalizadas nas localidades e regiões menos desenvolvidas e naquelas áreas e setores de maior concentração de pobreza, considerando-se os diferenciais, relacionados às condicionantes de natureza, gênero, raça, idade, nível de escolaridade e outras situações de vulnerabilidade (Conselho da Comunidade Solidária, 2000).

A pobreza no Brasil decorre de um quadro de extrema desigualdade, devido a uma profunda concentração de renda (Silva, 2010), sendo, portanto, um dos motes para o desenvolvimento da economia solidária. Esta surge como um modo de produção e distribuição alternativa ao capitalismo, voltada para aqueles que se encontram fora do mercado de trabalho.

Em face do alto índice de desemprego, a estratégia de sobrevivência encontrada por uma parte da população de excluídos é “coletar lixo” como forma de obter a renda para o próprio sustento. Ao catar e separar os materiais recicláveis, seja em lixões, “aterros sanitários” ou ainda em usinas de reciclagem por todo o país, o catador¹ constitui um importante elo do sistema de reciclagem (Siqueira & Moraes, 2009).

O aumento do número de catadores de lixo coincide com o crescimento da indústria de reciclagem que demanda uma força desqualificada de trabalho. O catador de material reciclável avalia o reaproveitamento do produto reciclável, cuja ampliação aconteceu em virtude do crescimento do setor de serviços e do comércio, do uso profuso de papel com o começo da informática e do aumento do uso de produtos descartáveis (R. C. M. Gonçalves, 2005).

Por outro lado, conforme a abordagem multidimensional de exclusão social de Garry Rogers (1995), os catadores se encontram em vários níveis de exclusão social, podendo-se citar: (a) exclusão do mercado de trabalho, por estarem desempregados a médio ou longo prazo; (b) exclusão do trabalho regular, por estarem subempregados ou mesmo desempregados; (c) exclusão do acesso a moradias decentes e a serviços comunitários; (d) exclusão do acesso a bens e serviços, inclusive públicos; (e) exclusão do acesso à terra; e (f) exclusão em relação à segurança física, à sobrevivência e à proteção contra contingências. Além disso, Silver (1995), ao investigar a literatura, encontrou mais de vinte categorias de indivíduos considerados excluídos em diferentes estudos. De acordo com as categorias por ela elencadas, os catadores de materiais recicláveis poderiam ser incluídos em pelo menos 10 categorias, quais sejam: os desempregados de longo prazo; os empregados em empregos precários e não qualificados; os pobres; os analfabetos, os evadidos da escola; as mulheres; as minorias raciais; os que recebem assistência social; e, ou, os residentes em vizinhanças deterioradas.

Logo, pensar a questão dos catadores de materiais recicláveis envolve refletir sobre as dualidades da sociedade contemporânea: ao mesmo tempo que o lixo é um problema que necessita de solução, os catadores, agentes fundamentais na triagem deste lixo, estão à margem de uma sociedade que não lhes oferece oportunidades de inclusão.

Metodologia

A pesquisa foi realizada na cidade de Viçosa/MG, pelo fato de a ACAMARE estar situada neste município, caracterizando-se como uma pesquisa exploratório-descritiva. Os dados foram coletados no período de março a julho de 2011.

Viçosa, localizada no Estado de Minas Gerais, possui cerca de 72.244 mil habitantes, com uma área territorial de 299 km, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A população urbana é constituída por 67.337 mil habitantes (IBGE, 2010).

A população foi composta pelos catadores-associados da ACAMARE, correspondendo a um total de 22. A amostra foi constituída pelos 22 catadores de materiais recicláveis dos dois turnos, de ambos os sexos que concordaram em participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A presente pesquisa utilizou como técnica de coleta de dados entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado, realizadas junto aos associados-trabalhadores da ACAMARE. Antes de iniciar a entrevista, o depoente consentiu em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados no período de março a julho de 2011. As entrevistas foram gravadas e transcritas, de forma a recuperar a integralidade das falas. Fez-se, também, uso de notas de campo, referentes ao registro de observações, de forma que impressões do pesquisador pudessem ser acrescentadas ao estudo.

Na análise dos dados coletados, optou-se pela metodologia quantitativa conjugada com a qualitativa. Nesse sentido, foi feita a análise descritiva dos dados, por meio do software *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - Versão 13.0, além da análise descritivas das falas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa.

Resultados e discussão

Características pessoais e familiares dos catadores

A fim de entender os dados, é importante conhecer as características pessoais e familiares dos catadores estudados. Eles possuíam, em média, 36 anos de idade, sendo a maioria do sexo feminino (n=19), casados (n=13), negros (n=18) e ensino fundamental incompleto (n=16). A renda pessoal foi, em média, de R\$ 371,14² (σ =R\$ 136,49), sendo que todos trabalhavam sem carteira assinada.

É importante ressaltar que, dos 22 entrevistados, 11 eram responsáveis pelo sustento de suas famílias, sendo que 13 afirmaram não possuir outra fonte de renda além do salário conseguido pelo trabalho na ACAMARE. A outra fonte de renda de nove associados era proveniente de trabalhos esporádicos, conhecidos como “bicos”.

O meio de transporte utilizado por 12 catadores para chegar ao local de trabalho era a bicicleta, sendo que os demais iam a pé (n=6), ou utilizavam o transporte coletivo (n=4).

No tocante à função exercida pelos associados, doze intitularam-se separadores de materiais ou recicladores, dentre eles o material orgânico do inorgânico, bem como de papel, plástico, vidro, dentre outros. Foram também relatadas as funções de prensagem dos materiais, preenchimento do caminhão

e venda dos materiais, além de funções de limpeza do local, setor administrativo e secretaria.

Quanto aos aspectos de infraestrutura da habitação dos catadores, verificou-se que a maioria residia em casa própria (n=19), os demais em casa alugada, casa emprestada ou em outras circunstâncias, com predominância de casas com 10 cômodos cada. Todas as residências possuíam energia elétrica e água encanada. Sobre o destino do esgoto, 20 dos associados afirmaram ser da rede pública; um, rio/córrego; e um, fossa.

Com relação aos serviços e equipamentos que os catadores tinham acesso em seus bairros, foi relatada a presença de creche (n=16), posto de saúde (n=14), telefone público (n=13), área de lazer-quadra poliesportiva, campo de futebol, praça de esporte, clube (n=12), escola de ensino médio (n=11), agência de correios (n=11), escola de ensino fundamental (n=10), hospital (n=4) e coleta de lixo (n=1).

O que pensam os catadores sobre o seu trabalho?

De importância para a pesquisa, foi conhecer a percepção dos catadores de materiais recicláveis sobre o trabalho que desenvolviam. Inicialmente, foram questionados acerca de sua satisfação com a realização do trabalho. De acordo com a maioria dos entrevistados (n=18), o trabalho era bom e divertido, mostrando que dessa forma gostavam do que faziam. Dentre os fatores elencados para a aprovação do trabalho, destacou-se a sua importância para o meio ambiente, visto que a reciclagem traz inúmeros benefícios ao retirar os resíduos da natureza, embora não percebessem esse reconhecimento e valorização pela sociedade. Foi enfatizada a falta de reconhecimento por parte da sociedade não só do tipo de trabalho realizado, mas, também, do valor de mercado atribuído a ele e, talvez, da falta de um salário-base para a categoria, bem como da garantia de direitos trabalhistas. As seguintes falas elucidam tais questões: “É um trabalho importante, mas pouco reconhecido e respeitado, pois trabalhamos com o meio ambiente. O material evita de ser levado para o aterro” (Mulher, 50 anos de idade, divorciada, 3 filhos, renda mensal de R\$ 350,00), e “Eu acho bom, já acostumei. Mesmo ganhando “micharia”, fazer o quê? Ficar em casa para não ganhar nada?” (Mulher, 57 anos de idade, casada, 2 filhos, renda mensal de R\$ 270,00).

Sentir-se desvalorizado com o trabalho realizado pode estar relacionado ao fato de que, embora a coleta de lixo seja considerada uma atividade vital, único meio de sobrevivência para muitas pessoas, e modo legítimo de obter renda, é insuficiente para uma qualidade de vida plena (Viana, 2000). Por estarem em um primeiro

elo na cadeia produtiva da reciclagem – apesar do lixo já ser o descarte, isto é, o último elo para muitos –, o valor atribuído ao material é baixo, sobretudo por existirem os sucateiros ou atravessadores, que são a “ponte” entre os catadores e as empresas que utilizam tal matéria-prima.

Foi também encontrado que, embora 18 catadores tenham relatado gostar do que trabalho que executavam, três disseram considerar seu trabalho normal, como qualquer outro tipo de trabalho. Além disso, constatou-se por parte de um catador total insatisfação na execução do trabalho, ainda que reconhecesse a sua importância para o meio ambiente: “*Não gosto do trabalho. Sei que é importante para o meio ambiente, mas não gosto*” (Mulher, 27 anos de idade, casada, 3 filhos, renda mensal de R\$ 700,00).

Apesar de não ter explicado o motivo de não gostar do trabalho executado, pode-se inferir que talvez seja pela falta de oportunidades para o desempenho de outras ocupações, seja por sua escolaridade ou falta de habilidades e práticas específicas.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual iniciaram o trabalho na associação, nove entrevistados relataram que não tiveram outra opção de trabalho. Tal assunto é debatido em estudos como os de R. C. M. Gonçalves (2005) e do World Watch Institute (2009), que retratam que a coleta de materiais recicláveis, mesmo sendo uma forma de trabalho considerada degradante pela sociedade, é uma estratégia de sobrevivência encontrada por alguns desses excluídos.

Os catadores também foram indagados a respeito de sua percepção com relação à maneira como os associados se comportavam perante a associação. Para 16, a associação possuía vários problemas, podendo-se citar a falta de união dos associados e a falta de compromisso com o trabalho, como pode ser constatado nas falas a seguir: “*Falta de união e compreensão dos associados. Falta de compromisso com o trabalho. Só com um milagre para consertar, só Deus*” (Mulher, 50 anos de idade, divorciada, 3 filhos, renda mensal de R\$350,00); e “*A ACAMARE não tem problema, o que faz o problema são as pessoas. As pessoas trabalharem direito, cada um com seu papel*” (Mulher, 34 anos de idade, casada, 3 filhos, renda mensal de R\$ 350,00).

É interessante discutir que, embora apenas um associado tenha expressado que não era a associação que tinha problemas, e sim as pessoas, são elas que constituem a associação. Assim, se há problemas pessoais, de relacionamentos entre os associados e de falta de comprometimento destas para com o trabalho, há, sim, problemas vivenciados pela associação.

A baixa escolaridade atrelada à não formalização do trabalho talvez possam explicar a falta de comprometimento e a acomodação com a situação. Por estarem em uma situação de autoemprego, foi observado que os catadores buscavam apenas cumprir o mínimo das atividades, salientando, muitas vezes, que, já que o valor arrecadado era dividido igualmente, de nada adiantaria trabalhar mais do que o outro. Ademais, transferiam, muitas vezes, a responsabilidade sobre a resolução de problemas e tomada de determinadas decisões para o SAAE e para os integrantes dos projetos em desenvolvimento na associação.

Nas visitas realizadas à associação durante os dois turnos de trabalho, foi, de fato, verificada a falta de união dos dois grupos de trabalho. Segundo Bom Sucesso (1997), o autoconhecimento e o conhecimento do próximo são componentes essenciais na concepção de como o indivíduo atua no trabalho, facilitando ou não as relações. Dentre as dificuldades mais observadas, destacam-se a falta de objetivos pessoais, a dificuldade em priorizar e a dificuldade em ouvir.

A divisão dos lucros era efetuada de forma igualitária, sendo que todos recebiam a mesma quantia ao término do mês, mesmo quando um dos associados faltava ao trabalho ou apresentasse pouca disposição em realizar as tarefas ao longo do dia. Este era um dos principais pontos de atrito e de insatisfação com a realização do trabalho.

Questionou-se, então, como os catadores entendiam que os problemas poderiam ser solucionados ou amenizados, e algumas respostas mostraram que “*só um milagre de Deus para consertar*” (Mulher, 50 anos de idade, divorciada, 3 filhos, renda mensal de R\$ 350,00); ou ainda “*que viesse algum profissional para organizar melhor*” (Mulher, 21 anos de idade, união consensual, 1 filho, renda mensal de R\$ 200,00); “*As pessoas trabalharem direito, cada um com seu papel*” (Mulher, 34 anos de idade, casada, três filhos, renda mensal de R\$ 350,00); e “*o SAAE³ resolver alguma coisa*” (Mulher, 45 anos de idade, solteira, 2 filhos, renda mensal de R\$ 200,00).

Assim, a busca para a solução dos problemas existentes na associação era transferida para outra pessoa e, dessa maneira, não havia organização dos catadores para tal. Além disso, a divergência entre os dois grupos de trabalho da associação pode ser outro fator que estivesse prejudicando a união do grupo e a mobilização para a busca de melhorias. A divergência entre os dois grupos talvez possa ser explicada pelo fato de os indivíduos, na busca pelo reconhecimento e autorrealização, buscarem se alinhar aos grupos aos quais prestigiam e se distanciam daqueles com os

quais não querem ser identificados (Paugam, 2003). Outra explicação pode estar ancorada na falta de capacitação profissional e de informações acerca da condução de trabalhos cooperativos e associativos.

Os catadores também foram questionados se havia algo a ser melhorado nas condições de trabalho na ACAMARE e, de modo unânime, todos responderam que melhorias precisavam acontecer. Entre os aspectos citados, pode-se elencar: locais cobertos e apropriados para a colocação dos materiais; manutenção dos equipamentos; administração mais eficiente e comprometida; aumento do espaço físico disponível para o trabalho; aumento do valor pago pela produção; garantia de direitos, como vale transporte e cesta básica; e união entre os associados. A seguir são apresentadas algumas falas sobre tais questões: “*Sim, falta armário do banheiro, a cobertura, faltam baias [divisórias], falta guincho [carro]. Humanidade de umas pessoas com as outras. União faz a força*” (Mulher, 34 anos de idade, casada, três filhos, renda mensal de R\$ 350,00).

Muita coisa, primeiro lugar, aumentar o galpão, pois trabalhamos na chuva. Melhorar a comissão. Falta chave na porta do escritório [papéis pessoais ficam soltos], trocar a fechadura. A principal insatisfação é ganhar a mixaria. Não tem vale transporte e nem cesta básica, e isso era o suporte da prefeitura. (Mulher, 57 anos de idade, casada, dois filhos, renda mensal de R\$ 270,00)

Embora o processo de separação de material reciclável seja imprescindível para a sustentabilidade ambiental, tal atividade geralmente acontece em locais precários, tanto em termos de estrutura física, quanto de higiene, estando os trabalhadores constantemente expostos a riscos à sua saúde e integridade física. São ainda desprovidos de garantias trabalhistas que lhes assegurem determinados direitos que são afiançados, por lei, aos trabalhadores formais, além de serem mal remunerados.

Com relação ao que os catadores consideraram mais importante no trabalho, sete responderam a amizade; seis, o próprio trabalho; três, a renda; três não responderam ao questionamento; e três não consideraram nada importante, conforme exemplificado: “*Amizades, minhas amigas. Gosto de todo mundo, mas aqui eu separo só algumas*” (Mulher, 57 anos de idade, casada, 2 filhos, renda mensal de R\$ 270,00).

Marcondes (2003) afirma que o ambiente de trabalho é o lugar onde a maioria dos indivíduos passa grande parte do seu tempo, por isso não há nada mais corriqueiro do que fazer dos colegas de profissão amigos pessoais, trazendo benefícios não só aos funcionários, mas também ao local de trabalho.

O futuro na percepção dos catadores

De interesse para a pesquisa foi entender o que os catadores planejavam para sua vida pessoal e familiar. Para tal, eles foram indagados sobre como imaginavam suas vidas nos próximos cinco anos. Dentre os aspectos destacados pelos catadores, ter uma vida e um emprego melhores que os atuais foram os mais recorrentes (n=6, cada). Além disso, também foi verificado que os catadores almejavam uma melhora nos aspectos de infraestrutura de sua habitação (n=4) e se imaginavam mais velhos (n=4). Também se verificou que eles pretendiam ter mais força de vontade para cuidar e educar os filhos (n=2) e que gostariam de ficar em casa sem trabalhar (n=2). Outros aspectos como estudar, estar sozinho e aposentado também foram destacados pelos catadores.

Os depoimentos a seguir apontam as questões apresentadas pelos entrevistados: “*Eu sozinha na minha casa e estou preparada, se você quer saber. Indo para um forró dançar e trabalhando também*” (Mulher, 50 anos de idade, divorciada, 3 filhos, renda mensal de R\$ 350,00), “*Morando em outro lugar e trabalhando em outro lugar*” (Mulher, 20 anos de idade, solteira, sem filhos, renda mensal de R\$ 250,00), e “*Acredito que tenha saído daqui, acabar minha casa, e conseguir um emprego fixo*” (Mulher, 27 anos de idade, casada, 3 filhos, renda mensal de R\$ 700,00).

Percebe-se, nas falas, a insatisfação com o ambiente de trabalho e com o trabalho realizado. Essa questão pode ser explicada pelo fato de este não ter sido o trabalho escolhido ou o que os indivíduos quisessem realizar, mas, sim, o que foi possível conseguir como consequência das desigualdades sociais vivenciadas no país. Ademais, a atividade de catação se caracteriza, entre outras questões, por ter uma matéria-prima abundante que não necessita de um grau de conhecimento técnico apurado.

Quando interrogados se estavam satisfeitos com suas vidas, 20 associados afirmaram que sim, como exemplificado: “*Sou feliz como sou. Levo a vida da melhor forma possível. Não sou feliz por trabalhar aqui, mas eu faço da minha vida o melhor possível. Família maravilhosa, só devo à minha mãe e a Deus*” (Mulher, 50 anos de idade, divorciada, três filhos, renda mensal de R\$ 350,00).

Entretanto, apesar da satisfação por eles afirmada, a maioria (n=15) queria mudar algo em sua aparência, em seu modo de ser ou em seu poder aquisitivo. Para os catadores, a baixa remuneração impedia ou reduzia a realização de determinados sonhos de consumo.

Os catadores foram questionados sobre o que gostavam de fazer fora do momento de trabalho, e constatou-se que para muitos (n=9) as atividades de lazer se relacionavam, também, a atividades de trabalho, como colher café, produzir cercas e cuidar da casa. Embora o lazer seja entendido como momento de liberdade, de desobrigação da realização do trabalho, para os catadores, o tempo ocioso era, também, tempo de produção. Isso pode ser explicado pelo fato de, devido à baixa remuneração recebida, o tempo que poderia ser dedicado ao lazer ou ao ócio era, também, um momento para o incremento da renda. Além disso, uma vez que estavam envolvidos em atividades diferentes da realizada na associação e que lhes proporcionavam prazer e desobrigação, o tempo a elas dedicado não deixava de ser considerado lazer.

Quando questionados acerca do que consideravam como mais importante em suas vidas, 15 catadores responderam que eram os filhos, e os demais, a saúde, a família, a mãe, e o marido: “*Primeiro lugar Deus, segundo lugar os filhos e netos, terceiro lugar eu e meu marido*” (Mulher, 57 anos de idade, casada, 2 filhos, renda mensal de R\$ 270,00) e “*Minha família e minha saúde*” (Mulher, 54 anos de idade, casada, 1 filho, renda mensal de R\$ 300,00).

A priorização da família pode ser explicada por ser esta a base da sociedade. Quanto à saúde, ela é necessária para que os catadores possam trabalhar para garantir o sustento financeiro de sua família. Ademais, infere-se que os catadores tinham a consciência de que, por trabalharem em condições extremamente precárias, estavam sujeitos a todo tipo de doença e contaminação.

Conclusões

Os catadores de materiais recicláveis desenvolvem uma atividade rejeitada socialmente, a qual é fruto da falta de acesso à educação formal de qualidade que possibilite a qualificação profissional, posterior inserção no mercado de trabalho e consequente acesso à renda.

A atividade de separação do lixo é, normalmente, executada em condições extremamente precárias e informais de trabalho e remuneração, mas é considerada, pelos catadores, uma estratégia de sobrevivência no chamado submundo do trabalho, podendo ser, desta forma, considerada uma resistência ao desemprego. Ainda que o trabalho executado cause satisfação, os catadores almejam outras ocupações a fim de garantirem um maior reconhecimento social, embora não busquem qualificação para tal. Essa questão pode

ser explicada pelo fato de, ao trabalharem com o lixo, ou seja, com aquilo que não é mais importante para os ditos “incluídos”, os catadores se percebem como parte deste lixo. Assim, são depreciados e se autodepreciam, como não sendo dignos de pertencer a um mundo que não consideram como sendo, também, deles.

A fim de garantir um sentimento de pertencimento ao grupo, de aceitação de seu trabalho e de reconhecimento social, faz-se necessário uma gestão associativa que seja pautada em um projeto social e político de transformação, capaz de fazer com que tais sujeitos se percebam e sejam, de fato, forças importantes na construção da sociedade.

Notas

- ¹ Neste artigo, embora os trabalhadores estudados não exercessem a função de catador, e sim de separador, optou-se por utilizar o termo catador de material reciclável, uma vez que essa é a nomenclatura utilizada pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MCMR).
- ² A renda pessoal correspondia a 68,1% do salário mínimo vigente à época da pesquisa.
- ³ SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto.

Referências

- Bom Sucesso, E. P. (1997). *Trabalho e qualidade de vida*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya.
- Conselho da Comunidade Solidária. (2000). *Um novo referencial para a ação social do Estado e da sociedade: sete lições da experiência da comunidade solidária*. Brasília, DF: PNUD.
- Dupas, G. (2001). *Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo*. São Paulo: Paz e Terra.
- Figueiredo, R. M., Faria, A. L. L., Souza, N. D., Muniz, V. L. T., Assis, T. R., Almeida, F. B. et al. (2010). A inclusão transformadora por meio de redes sociais [Trabalho completo]. In *Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre: AGB. Acesso em 28 de março, 2012, em <http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4089>
- Gonçalves, R. C. M. (2005). *A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE.
- Gonçalves, R. S. (2004). *Catadores de Materiais Recicláveis: Trajetórias de Vida, Trabalho e Saúde*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *Censo 2010*. Brasília, DF: Autor.
- Leite, M. P. (2003). *Trabalho e sociedade em transformação: mudanças produtivas e atores sociais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

- Marcondes, T. A. (2003). *A arte do relacionamento no ambiente de trabalho*. Acesso em 25 novembro, 2014, em http://mariopersona.com.br/arte_relacionamento.html
- Minayo, M. C. (2001). Condiciones de vida, desigualdad y salud a partir del caso brasileño. In R. Briceño, M. C. Minayo, & C. E. A. Coimbra (Orgs), *Salud e equidad: uma mirada desde las ciencias sociales* (pp. 55-71). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Paugam, S. (2003). *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Cortez.
- Rogers, G. (1995). What is special about social exclusion approach? In G. Rogers, C. Gore, & J. Figueiredo (Orgs.), *Social exclusion: rethoric, reality, responses* (pp. 43-55). Genebra: International Institute for Labor Studies.
- Silva, M. O. S. (2010). Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Revista Katálysis*, 13(2), 155-163.
- Silver, H. (1995). Reconceptualizing social disadvantage: three paradigms of social exclusion. In G. Rogers, C. Gore, & J. Figueiredo (Orgs.), *Social exclusion: rethoric, reality, responses* (pp. 57-80). Genebra: International Institute for Labor Studies.
- Siqueira, M. M. & Moraes, M. S. (2009). Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(6), 2115-2122.
- Sousa, I. F. & Silva, V. A. (2007). Seria o lixo uma forma de emprego? [Resumo]. In *Anais, XX Congresso Brasileiro de Economia Doméstica*. Fortaleza: ABED.
- Viana, N. (2000). Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. *Revista Estudos*, 27(3), 509-537.
- World Watch Institute. (2009). *Milhares de latino-americanos ganham a vida catando lixo. 2009*. Acesso em 25 de janeiro, 2012, em http://www.ecolnews.com.br/w_w_01.htm.

Agradecimentos

Às agências de financiamento: CNPq - Processo 400621/2010-0 e FAPEMIG - PPM 00061-12.

Submissão em: 09/9/2013

Aceite em: 30/03/2014

Karla Maria Damiano Teixeira possui graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (1994), Mestrado em Economia Familiar pela mesma instituição (1997) e PhD em Ecologia Familiar pela Michigan State University (2003), Estados Unidos. É Professora Adjunta do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, Pesquisadora 2 do CNPq e Vice-líder do grupo certificado de pesquisa do CNPq “Ecossistema Familiar, Políticas Públicas e Desenvolvimento Social”. Foi contemplada com a primeira edição da Bolsa de Pesquisador Mineiro da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG, tendo sido sua bolsa renovada. Suas pesquisas são na área de Economia Familiar, relacionadas à administração de recursos na família, responsabilidade social corporativa, inclusão social, geração de trabalho e renda e interface família-trabalho remunerado. Endereço: Departamento de Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa. Campus Universitário. 36570-000. Viçosa/MG, Brasil. E-mail: kdamiano@ufv.br